

Pirolito

bate que bate

Ano II - Num. 54

Sábado, 30 de Janeiro de 1932

1 ESCUDO

0
3
1
D
E
J
A
N
I
E
R
O



O Zé depõe com tristeza,
Um lindo ramo de flores,

De saudades o Martirios
Aos vencidos vencedores

Ha muitas solas de borracha...
Ha muitas imitações...
mas...

A SOLA INGASTAVEL
B R O C K M A N

É INIMITAVEL

**UN ENFANT
PEUT POSER**



**LA SEMELLE
"KISS-KOLL"
"BROCKMAN"
ÉLÉGANTE, INUSABLE, HYGIÉNIQUE**

A venda nos depósitos das fábricas
**ATLAS, PORTU-
GAL e CASA LINO**
e nas boas sapatarias

Colocação gratuita durante a

**Semana
do
Agasalho**

Impermeavel

Stand n.º 1

Rua Sá da Bandeira, 153 a 157

Stand n.º 2

Rua 31 de Janeiro, 111 a 113

Dirigido por
Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa
 Propriedade e Edição de Oliveira Valença
 REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA
 Canceia Velha, 39 — PORTO
 Telefone, 1068

Pirolito
 PUBLICAÇÕES

ASSINATURA

12 numero	Esc. 11\$00
24 "	" 21\$00
Ano	" 40\$00
Colonias (ano)	" 50\$00
Brasil "	" 60\$00

PIROLITOS

Já tínhamos na nossa Avenida dos Aliados, o cogumelo da Caixa Geral dos Depósitos, o farolim de «O Cocio do Porto» e o periscópio do Monte-Pio Geral.

Pois agora surgiu a oitava maravilha, em frente ao farolim. Nada mais nada menos do que uma avançada terrina, assim a modos de um reclamo às saborosíssimas tripas, especialidade deste querido Porto, berço de lidimas glorias nacionaes, como o Infante D. Henrique, Garret, Armazens do Anjo, Borges & Irmão, etc.

Na casa do Povo reuniram-se as leiteiras do Porto, para tratarem de assuntos importantísimos relativos á sua classe.

Presidiu o sr. Fulano, secretariado pelos senhores Beltranos.

Usaram da palavra os srs. Cicranos e foi finalmente nomeada uma comissão composta pelos srs. Fulano, Cicrano e Beltrano.

Mas afinal onde é que estavam as leiteiras.

O nosso Duarte do «Olimpia»,— o fiscal chic do mais chic cinema do Porto,—têve uma Festa interessantíssima.

Um abraço ao excelente rapaz e bom amigo do «Pirolito»

Um mercieiro cá da Invicta comprou a nm par de adoraveis mancebos, por dois mil escudos, uma máquina de fabricar notas do Banco perfeitísimas. Mas, vai-se a vêr, a máquina de fazer ricos não funcionava. E o mercieiro, sentindo-se ludibriado, queixou-se à Policia contra os dois malandrins.

Esta, tomando em consideração a queixa, investiga...

Uma artista do Sá

Eu amar-te bem queria,
 Se não visse o caso escuro...
 Tenho medo do futuro,
 Com a tua grosseria!...

Visitar-te eu ontem ia,
 Mas, de repente, eu apuro,
 Que não estava bem seguro,
 Com a tua simpatia,

Por me teres dado a patada
 Á porta do camarim,
 Quando eu ia a dar entrada

Para dar-te a oferta emfim!...
 Como foste desastrada,
 Estragastes o pudim!...

ZEPHYRO.

GAZozas

Acabou a literatura pornográfica, á venda em todos os quiosques.

As apreensões sucedem-se, contando que as «Horas Marianas» vão ser retiradas do mercado.

* * *

Não ha ninguém que tenha escrito tantas asneiras como aquele homem que vai ali.

—E ele é autor?
 — Não. Faz as reportagens dos discursos políticos.

* * *

— Porque queres Antonio que a avó te dê o oleo de fígado de balchau?

— E' porque lhe treme muito a mão e vai metade por fóra.

* * *

Encontra-se retido no leito devido a um ataque de gripe o nosso querido director Arnaldo Leite.

Desejamos um pronto regresso á actividade.

* * *

Teve a amabilidade de vir à nossa redacção apresentar os seus cumprimentos o sr. Antonio Braga, um dos correios maximos do Porto.

* * *

Foram recebidos dois telegramas (um para cada director) de felicitações pelo aniversário natalio do Pirolito, do vate João Maria Ferreira (Se viiha). Agradecidos.

B I O C O

A. de F.



Antero de Figueirêdo,
 Que no «Bloco», hoje, figura,
 No céo brilhante das letras
 Paíra sempre a grande altura

Romancista consagrado,
 E eminente escritor,
 Vai breve dar-nos «Tolêdo»,
 Obra prima de valôr.

Brindes

Da importante «Farmacia Figueiredo», da rua de Cedofeita, recebemos uma magnifica colecção de pentes, gentileza que muito agradecemos e que tem razão de existir, desde que nos habituamos ao Petroleo Figueiredo,—essa maravilha capilar que os leitores muito bem conhecem.





...E segue a fita

De quem elas gostam

Publicamos hoje mais alguns depoimentos amorosos, transcendendo a pecado e a lascívia.

As marótas das cinéfilas não escondem o seu entusiasmo sensual pelos «azes» mais ou menos afrodisíacos dos écrans foto e fonogénicos.

E' cada paixão capaz de fazer rebentar um petardo de dez arrobas de clorato de potassa!

Os preferidos das meninas

—Quem ocupa totalmente o meu coração e as restantes visceras adjacentes é o Harold.

Amo-o desde os pés á cabeça, e não me importava de passar as noites a dar-lhes beijinhos nos olhos, uma vez no vidro esquerdo, outra vez no direito, isto é, um olho de cada vez.

Que prazer oscular os olhos do Harold!

UMA MIOPE DO ÉCRAN

—Eu toda me derrêto com o Willy Fritsch. Todos os minutos da minha existencia lhe pertencem. Toda eu sou ele e o que tenho pêna é que todo ele não seja eu...

Ai, Willy dos meus sonhos, quem me déra fazer uma fita contigo!

MADMOISELLE PANTALHA

—Desde a «Grande Parada» que me apaixonei por ele. Não é bonito, não é elegante, será, até, desageitado, mas eu gosto, pronto; ninguém tem nada com isso.

Não são da minha opinião? Ai, boa vai ela, ainda lhes não disse o nome do meu idolo. E' o Karl Dane.

Não escolhi bem? E' um bocadinho alto, mas eu sou danada pelo Dane!

CINÉFILA DANADA

—O Richard Dix! Que figura, que linha, que elegancia! E' o mais belo exemplar do cinema! E' um Dix que vale quatre-vingt-tix!

Quando o vejo no «écran» sinto um arrepio pela espinha acima, até á covinha do ladrão!

OLHEIRAS PROFUNDAS

—É um homem, o homem da minha paixão! Ninguém me diga o contrário. Há lá nada que valha o meu John Barrymore?!

Que físico, minhas amigas que físico! O moral a mim não me interessa. Sou carnívora. Carnívora? Mais. Muito mais. Autropófaga.

MADAME COMILONA.

A Biografia dos Azes e das Azas



VICTOR VARCONI

O Victor é portuense, filho duma ilha da Rua de S. Victor e doutra ilha, chamada do Leal, ao alto do Bomjardim.

Quando era novo entretinha-se a jogar o eixo e a deitar a estrela no monte do Seminário. Dêsse habito de lidar com estrelas de papel, veio-lhe o apetite de poder vêr e apalpar as estrelas de carne e osso.

Para conseguir o seu sonho, um belo dia desceu o monte do Seminário, meteu-se num barco para o Areinho, e depois de ter comido uma posta de savel e

enxugado dois litros do verdasco, tomou a lancha que faz a carreira de Avintes-Crestuma-Hollywood.

Quando chegou a Hollywood chovia que Deus a dava, e o nosso Victor Valconi teve de se abrigar debaixo da «marquise» dos Amazens Nascimento lá da terra.

Ora aconteceu que a tal «marquise», ao vêr o nosso cineasta, apaixonou-se por êle e deu-lhe a sua mão de esposa, ficando o Victor sendo Marquês por ter casado com a Marquise.

Sim, não sei se os senhores compreenderam...

Novidades Sensacionais

As ultimas da Cinelandia

Hollywood—de Espada à Cinta—Grandes e originais noticias vamos lacónicamente participar aos nossos leitores:

O cão de Anita Page

Esta madrugada foi encontrado prostrado na decima oitava avenida, um lúlu de meia idade, em trages menores e com uma faca espetada no buraco esquerdo do focinho.

O Lúlu foi imediatamente reconhecido e identificado pela creada de quarto da estrela Anita Page, como pertencendo á dita artista.

O tresloucado cãesinho suicidou-se por ciumes, tendo deixado uma carta ao pai, e outra á sogra da Anita Page.

Os estudos tiveram a bandeira a meia-haste

O gato da Lili Damita

O «Farruco», o gatinho querido e estimado da Damita, acaba de bater-se em duelo, com o «Vicente», bichano aposentado que a mesma vedêta possuía embalsamado em cima da mezinha de cabeceira. O duelo efectuou-se em cima do fogão, sendo as armas duas espinhas de bacalhau.

O «Farruco» matou o «Vicente» ao primeiro assalto, tirando-lhe as tripas de palha e os intestinos de algodão.



Ecós da Sociedade

Batisado Ontem por volta das cinco da tarde, houve um principio de batisado na catedral de Mogofões.

O neofito não se chegou a batisar por completo por divergencias entre a parteira e o abade.

Na pia baptismal encontravam-se a presenciar o acto, diversas pessoas de familia, entre elas cinco pais e duas mães do supracitado neofito.

A madrinha quiz que o pequeno recebesse o nome de Agapito, mas como só houve meio batisado, resolveu-se que o meúdo se chame sómente Aga, ficando a madrinha com o resto do nome de prevenção.

Consortio — Com grande pompa, um quadro novo e surpresas, realisou-se no sabado passado o quinto enlace matrimonial do nosso presado amigo, Cagliostro Lampreia, com a nossa amiga (honny soit...) Anastacia Fagundes, viuva do assás falecido comerciante da nossa praça, Anacleto Fagundes.

A cerimonia revestiu-se dum character puramente particular, assistindo sómente o noivo, as suas quatro exmulheres, a noiva e o seu primeiro marido já falecido.

Foi um acto enternecedor, tendo sido bisados três numeros.

Tocou a banda do Terço.
Falecimento — Tornou a falecer, ontem de madrugada, o conhecido industrial de sapataria, Zéca Bate Sôla, Socio da Fabrica de Gaspias de Papel Mata Borrão.

O infeliz industrial tem sido vitima de diversos falecimentos, quasi todos à falsa fé, o que vem provar mais uma vez a necessidade urgente de socorrer as victimas das revoluções impermeaveis.

O funeral deve realizar-se, hoje, á meia-noite no cemeterio paroquial de Fornos d'Algodres, por expressa determinação do morto que, antes de falecer, disse à Sogra que desejava sêr reduzido a cinzas.

Cumprindo a sua vontade, a familia enterra-o em Fornos... para ficar em torrêsmos.

Folhinha da semana

Janeiro

19

Terça-feira

Encontramos o Pigmalião Simpático, todo lépido, sorridente, felicissimo... E Pigmalião diz-nos:—«E' isto que você vê: Com a chuva, armo em peru de monco melancólico. Vem o frio, e até parece que a minha sogra faleceu de repente!»

O Amarante realisa a sua Festa, no «Sá da Bandeira», com o *Az das Fitas*.— Como a peça é dos directores cá da gazêta, fechemo-nos. O silencio é de ouro. E se não fosse parecer mal, recomendaríamos ao leitor o «Az» dos nossos directores...

Janeiro

21

Quinta-feira

Até hoje, Encanto ainda não deu sinal de vida... — Mas o frio persiste, e as pneumonias são aos pares como os frades...—Pigmalião Simpático estranha que o «Rivoli» abrisse as suas portas com dois Fados: O Robles e o Rei Colaço...

Continua gravemente enferma a sogra do nosso querido amigo Pigmalião Simpático. E ontem, a pobre senhora, chamando-o á cabeceira do leito, disse-lhe:—«Filho: Amanhã estarei morta!»—Ao que Pigmalião respondeu:—«Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje!»

Janeiro

23

Sabado

Ha na nossa rua um alfersinho encantador que faz o seu pé a uma loira adoravel. Mas, segundo nos informam, a jovem tem um hálito de fôgo e o rapaz é muito inflamavel. — Com vista ao nosso querido Victor Hugo...

Os elefantes teem um poder atrativo estranho e á primeira vista inexplicavel. Sim: Porque é que as senhoras gostam tanto de vêr esses bicharocos que até parecem um prédio com três andares? Influencia da tromba coleante, ou quê?

Janeiro

25

2ª feira

Fechou-se para ti esta secção, Encanto. Até quando? Até nunca mais. De resto, para quê?—Um velho com aspirações é grotesco; não é verdade?—E o Frio entra no coração, — e para o coração dos velhos não ha agazalhos, Encanto...

Janeiro

20

Quarta-feira

Janeiro

22

Sexta-feira

Janeiro

24

Domingo

Cajos e matronas celebres

Buffon

Ora cá temos o cavalheiro Buffon, francez de nascimento e sabio e escritor de profissão.

Buffon tinha imensa geiteira para esta coisa de rabis-car em prosa, e o seu estilo elegante e pomposo fez com que os seus contemporaneos dissêssem que o camarada Buffon escrevia com punhos de renidas. Tal qual o nosso estimadissimo primo Julio Dantas, a quem podemos chamar — Buffon portuguez.

Buffon descendia duma familia bufóna tendo sido os seus avós policias secretas, ou búfos como era de uso apolidarem-se tais funcionarios. O nosso biografado casou com Madame Bufóna da qual teve quatro filhos, três machos e uma femêa, ou seja três Bufos e uma Bufa, os quais mais tarde deram muitos bufosinhos ao seu querido progenitor.

Buffon é o autor da celebre «Historia Natural» e de muitas outras historias artificias e contos de fadas e do vigario.

E' dele a celeberrima frase: «*Le style est l'homme même*», que traduzida para brasileiro vernaculo e carioca quer dizêr: *O estilo é o home mesmo.*

Nasceu em Montbard, povoação francêza, e devido a esse acidente Buffon ficou sendo francez, como teria sido Portuguez se tivesse nascido em Paio Pires ou Pico de Regalados.

Morreu em 1778. Ha quanto tempo isto vai! E ainda continua morto...

A SOLA "BROCKMAN,"

é ingastavel

Pedid s para

39, Cancela Velha

PORTO



PARA LÊR NO BANHO... MARIA

PELO DOCTOR KNOX



Simples troca de palavras

(Episódio banal, usual e obrigatório em todos os SEVERIANOS d'esta cidade)

SCENA unica... no seu género

Personagens

- O condutor delicado
- O guarda-freio delicadíssimo
- O revisor ultra-delicadíssimo
- O passageiro malcreado
- A senhora ordinária

O *condutor*, que tendo tocado a campainha para parar, se vê obrigado a fazer ginástica agarrado aos chouriços de coiro para não enfiar a cabeça pelo vidro da porta da frente:

Ahi, oh! Rais te partira!
Levas o freio nos dentes!
Vais farto de conduzir
Esta récuca de indecentes,

(a um passageiro, que livido se contorce com dores por causa duma grande calçada que êle lhe deu).

E você, ó sua besta,
Não sabe esconder as patas?
Julga talvez que estas botas
Foram compradas baratas?

O *passageiro*, humilde, desfazendo-se em desculpas:

Eu peço-lhe humildemente
Muita desculpa, senhor.
Mas foi o seu pé que veio
Em cima do meu se pôr.

O *condutor*, que prima pela boa educação:

Ó sua cavalgadura
De cara baça, indecisa.
Encolha as patas, ouviu?
Julga que isto é o Galiza?

(espeta o fura-bilhetes na cara do passageiro malcreado e chama pelo guarda-freio:

Anda cá, ó 37,
Que estou a ser insultado.
Traz de ahi a manivela
Pra este mal *inducado*.

(o guarda-freio aproxima-se e larga-lhe uma caqueirada na cabeça que o deixa meio *knoc-out*).

O *passageiro*, moribundo, num ultimo arranco, para o condutor:

Vossa Excelencia labora
Num lapso que é desculpavel...
Esta senhora bem viu...

O *revisor*, chegando afogueado e

mandando-lhe uma cabeçada à barriga, que o deixa estendido ao comprido no chão do elétrico:

Inda pia, o indesejavel,
Esse valente animal?
Esse bandido inda mia?
Insultar o pessoal
Cá da minha Companhia!...

Uma *senhora*, que ia a um canto tranzida de medo, vendo o carro parar ao fundo da descida da Lapa e apear-se dele o guarda-freio, pergunta, julgando que vão levar o passageiro para o Hospital:

Esta paragem do carro
E' p'ró deixar no Hospital?
Pobre do homem, coitado,
Já nem se lhe ouve o pigarro!
Ele deve estar tão mal...
Ai, como tem o nariz!...
Vou chegar-lhe este perfume...

O *revisor*, com uma grande risada e um piscar de olhos muito significativo:

Qual Hospital, qual bujardal
O guarda-freio não tarda,
Foi ali... ao *chafariz*.

Na linha 20 é costume.

DOCTOR KNOX.



Lêr ás segundas e quintas-feiras

O Sporting



World Minha Graça

da *por José* *d'artimanha*

O Prazer de insultar

Até aquele dia nunca encontrei ninguém capaz de conhecer perfeitamente o carácter de Nicolau Seráeste. Verdade seja que também se não conhecia muito bem donde viera, nem quem era. O que é certo, porém, é que ele desde que assentara arraiaes cá na cidade, tratou de rodear-se o melhor que pode, e pode até, devido às suas maneiras distintas, infiltrar-se no seio daquela sociedade caritativa que dá festas mensaes para todos os asilos.

Extremamente delicado, Nicolau Seráeste, sofria, ou parecia sofrer extraordinariamente quando cometia a falta de não ter sabido que a Condessa fizera anos no sábado transacto, e a Baroneza arranjava um cão a mais.

Melifluo, adaptavel, vi-o um dia arrancar uma duzia de cabelos por não ter perguntado pela saúde dos seus doentes ao Director clinico do Hospital da Misericordia.

E também era prestavel: arranjava tudo desde cartas de recomendação até às certidões de casamentos.

Mas nem por isso se sabia muito bem como vivia. Certo é que vivia bem. Impeccavel, de polainitos, fato rigorosamente feito, flôr na lapela, passava todos os dias, quasi às mesmas horas, nos mesmos sitios da cidade, a cumprimentar, a inquirir do bem-estar dos outros, sempre delicado, sempre meticuloso.

Trabalhar, isso é que não! Não estava no seu feitio, e das vezes que tinha experimentado, parece que não tinha sido feliz.

Por isso, de vez em quando murmurava-se:

—Mas de que viverá o Nicolau?

Claro está que destas creaturas que ninguém sabe quem são, donde vieram, e de que vivem, fala-se pouco tempo. Aceitam-se tal qual são, e dá-se-lhes até algumas vezes uma reputação de endinheirados.

O Nicolau conseguiu isto tudo com a sua delicadeza mais do que nata: quasi manteiga.

No entanto, se desprezassemos as opiniões fimeninas todas abertamente francas e amigas para o Nicolau, e fosse-mos sondar o que dele pensavam os homens que o conheciam, obteríamos, salvo rarissimas excepções, um desconcerto tão variado de apreciações, que

ficariamos na mesma quanto ao carater do Nicolau.

Por vezes, e quasi sempre depois de efectuada a recita tal ou qual para as Florinhas da Rua ou para a Gota de Leite ou no dia seguinte a um peditorio, o que continua a ser na mesma, florinhas na rua, ouviam-se uns zuns-zuns acerca do Nicolau.

Sem importancia, bem sabemos, mas não deixavam de ser uns zuns-zuns.

Andavam os anos, e o Nicolau continuava a viver. Não se sabia como; mas continuava a trazer a melhor flor na lapela, as calças passadinhas à regoa e um colarinho mesmo acabado de colocar. De cada vez os seus conhecimentos eram mais numerosos, as damas a cumprimentar eram ás dezenas e os cartões que antigamente mandava imprimir ás centenas, passavam a ser aos milhares.

Verdade seja que um ou outro amigo deixam de o ser. Questões futeis, de números, que o Nicolau arredondava em Zeros.

Rosnava-se; mas que diabo era isso para a reputação do Nicolau que alcançara um grau muito elevado.

E é que não havia ninguém como ele para armar uma festinha. Conhecia tudo, e tratava de tudo, principalmente daquela massadoria dos bilhetes com a consecutiva passagem aos milhares dos seus amigos.

Claro está que uma creatura como o Nicolau, alçapremado aos pincaros sócias do mundanismo não cria só amigos. Não; aparece aqui e além um inimigo, quasi sempre uma pessoa maldosa que não se limita a rosñar. Ladra claramente e às vezes dá a sua ferradela.

O Nicolau atribuia isto à inveja. Mas eles não. Eles diziam que o Nicolau, era um *bom-vivant*, um malandro que não gostava de ninguém e que toda a sua vida não passava duma autentica vigarice.

Intrigas, nado mais, porque o Nicolau devia ser honesto. E se o não era, era pelo memos um homem de fino trato, prudente, que sabendo o que se dizia dele não se alterava, era imperturbavel e contentava as suas amiguinhas attribuindo aos zelos as calunias.

Mas um dia a coisa tomou vulto. Foi um director dum Azilo que tinha emprestado o nome para uma festa destas. De ordinario todos eles emprestavam o nome

e deixavam pôr à mostra a sua situação deficitaria... e no fim da festa, o raio das contas estavam mais que bicudas: estavam redondas.

Este ultimo, porem é que não esteve com meias medidas; era já o terceiro ano que as criancinhas tinham dado o concurso do seu nome, do retrato do seu grupo e do seu orfeãozinho, e nem dez reis para o magro cofre seu conchego.

E quando soube que a comissão promotora estava a congratular-se com o bom resultado da festa numa merenda lauta, entrou por ali e aconteceu o que pode chamar-se uma tempestade num copo de agua.

Agarrou o Nicolau pela gola do impeccavel casaco e disse-lhe as ultimas, exaltadissimo:

«O snr. ouça bem o que lhe quero dizer deante de toda esta gente que admira ou julga admirar. O snr. não passa dum escroc, dum paria, que vive desde que se conhece à custa da hipocrisia, da patifaria, da infamia.

O snr. não é capaz de negar que tem roubado as casas de caridade, que tem abusado da boa fé, e sei lá se de mais alguma coisa de todas estas senhoras; tem lançado discordia, tem praticado vilezas. O snr. é um biltre, um pulha, um canalha, um bandido. Nega!...»

E dizendo isto deu-lhe um encontrão e largou-o.

Nicolau, quasi caindo em cima duma meza, quando recuperou a finha, deu trez sacudidelas ao casaco e impertrubavel, fino, correctissimo, pode dizer ainda:

—Poís sim, sou tudo isso; não nego. Mas isso não é razão para me cobrir de injurias.

PARA
PINTAR
AREDES

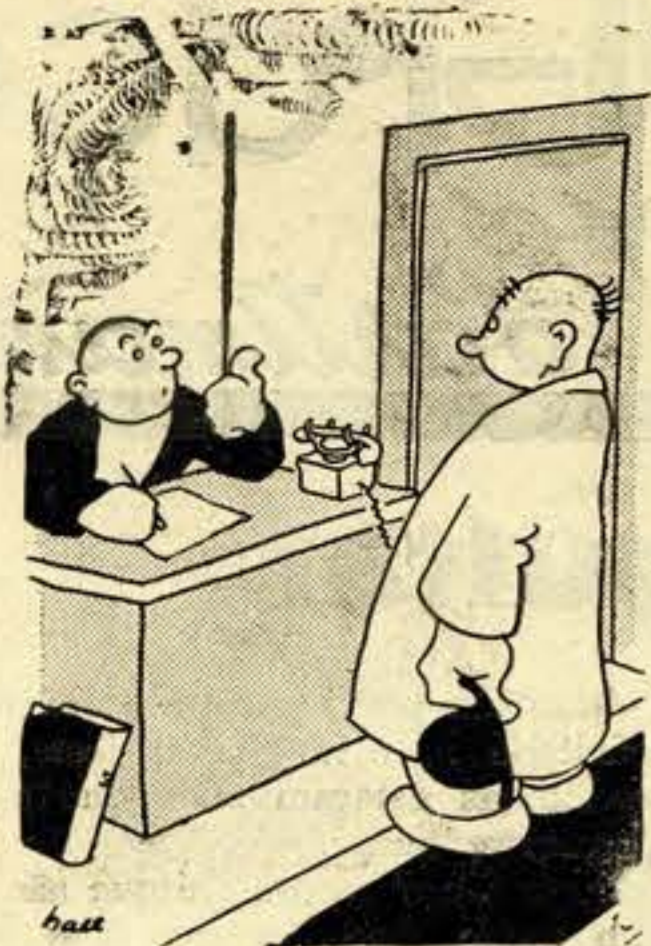
USE MURALINE

prepara-se em
seca em
e dura

10

minutos
horas
anos





—Faz favor de me dizer se entregaram aqui uma garrafa de Whisky que deixei ficar no eléctrico?
—Não senhor. Mas sei que o homem que a encontrou está a dormir dentro do carro.

Logo no começo do meio do ano, os nossos quarenta e três «reporters» procuraram em suas casas ou no templo do respectivo trabalho, as personalidades mais em evidencia do Porto. E declinando a sua qualidade de representantes do «Pirolito», o órgão sempre viril da Imprensa cidadina, pela boca desse punhado de excelentes rapazes que a nossa gazeta têm dado o melhor do seu esforço e o oiro do seu talento, traziam-lhes, apenas, esta pergunta que encerra todo um mundo de felicidades e desilusões, alegrias e amarguras:

Vossa Excelencia gostou do ano de mil novecentos trinta e um?

A resposta inevitavel eram os clássicos três minutos de silencio, um franzir de sobrancelhas, um nó nos gorgomilos e um gesto vago esboçado no espaço com a mão direita de dedos enclavinados.

Volvido esse tempo, todas essas pessoas gradas que o «Pirolito» procurára, tinham nos lábios a clássica resposta que o grande Elias popularizou:

—Volta por cá d'hoje a três dias! Um mez passou já,—e só hoje o «Pirolito» pode publicar o resultado da curiosa «enquête» realisada por nós, á custa de enormes sacrificios.

Vossa Excelencia gostou do ano de mil novecentos trinta e um?

Se, entre os tripeiros illustres interrogados, alguns verbalisáram as respostas, a maioria preferia dirigir-se-nos por carta, gesto que profundamente nos alegrou, por nos proporcionar o ensejo de aumentarmos a

VOSSA EXCELENCIA GOSTOU

DE
1931

— ? —

...E OS NOSSOS ENTREVISTADOS FALAM CLARO...

nossa já valiosissima colecção de autografos.

E' certo que nem todos podem ser publicados. A' sinceridade de alguns entrevistados, contando-nos as máguas do ano findo, devêmos responder com um silencio profundo equivalente a um profundo sigilo. Outros, tem inclinações de desespero com varios «R R», que a lucta contra a pornografia não tolera.

Consequentemente publicaremos, apenas, as que nos parecem dignas das colunas do «Pirolito», e isentos de perigo para os ouvidos castos que nos escutam, encolhendo os ombros, com uma indiferença horrivelmente artistica, ás piadinhas frescalhotas das revistas.

Leonardo Coimbra
pensador astral

Durante esses 365 dias, duas ho-

No restaurante vegetariano



—Porque põe Você flores artificiais na meza?
—Porque se puzesse verdadeiras eram logo comidas pelos freguezes.

ras de alegria, apenas, uma esperança fugace que o vendaval dispersa. Contudo, como não há mal que me chegue ao Cosmos, aguardo melhores dias e vou preparando o meu 932143º discurso...

Pires Fernandes

proprietario do «Rivoli-Harem»

... Ele cá estava... Gágágá... Pipipi... Vai abrir... Dádadá... Tátátá... Vai ser um facto... Gágágá... Tátátátá... Pipipipi... E' só abrir a gágágágá... As melhores companhias do mundo a pipipipi... 1931... dádadá...

Severiano José da Silva

Az da Viação Cidadina

Se, dentro dos anos, o mil novecentos trinta e um não corresponder á expectativa, a culpa não é minha.

Fecháram as janelas, prohibiram o cigarro e os embrulhos, mandáram engulir a saliva e fechar a porta á saída,—e eu limitei-me a esperar pelo novo ano para aumentar um tostão em zona...

Moreira da Silva & Filhos

Reis da Horticultura

Entre flôres e frutos, entre as melhores sementes e as melhores árvores, porque havia de ser mau o 1931?

O nosso livro de honra já vai no undécimo volume—e promete ir até ao miléssimo tomo...

Amilcar de Souza

Naturista, capitalista e senfilista

Mil novecentos trinta e um, foi para nós, naturistas, um ano pouco amavel para a exhibição da plástica. Para os amigos de radiotelephonia, foi um ano de proscritos. Para os capitalistas, o Brazil foi o diabo!

Mendes Correia F.

Sábio antedituriano

O problema de Glozel caiu no olvido, é certo. Mas a descoberta inesperada, em Sinfaes, dum W. C. da idade da pedra lascada, e a aposição inopinada dum tumulto terciário, com autoclismo e papel higiénico com vestígios de expressões intestinais do troglodita, tornou o 1931 um ano memoravel!

D. Aurora Jardim Aranha

nossa estremecida prima e escritora illustre

Fanreluchando os acontecimentos, alinandando os dias esfolhados nos róseos dedos da misteriosa Fada dos Miudos, parece-nos que o ano findo foi como os outros,—monotono, banalissimo, incolôr...

E que importa que os anos passem, se eu não consigo envelhecêr?

Abade de Santo Ildefonso

Mais um ano de crimes que findou! A mulher, abutre de dentes coleantes, serpente de garras inexoraveis, anfibio de azas tenebrosas, continuou a espalhar o Mal por esse mundo fóra!

O meu corpo mirrado de asceta, define-bem o meu horror pela Mulher!

Angelo Cezar

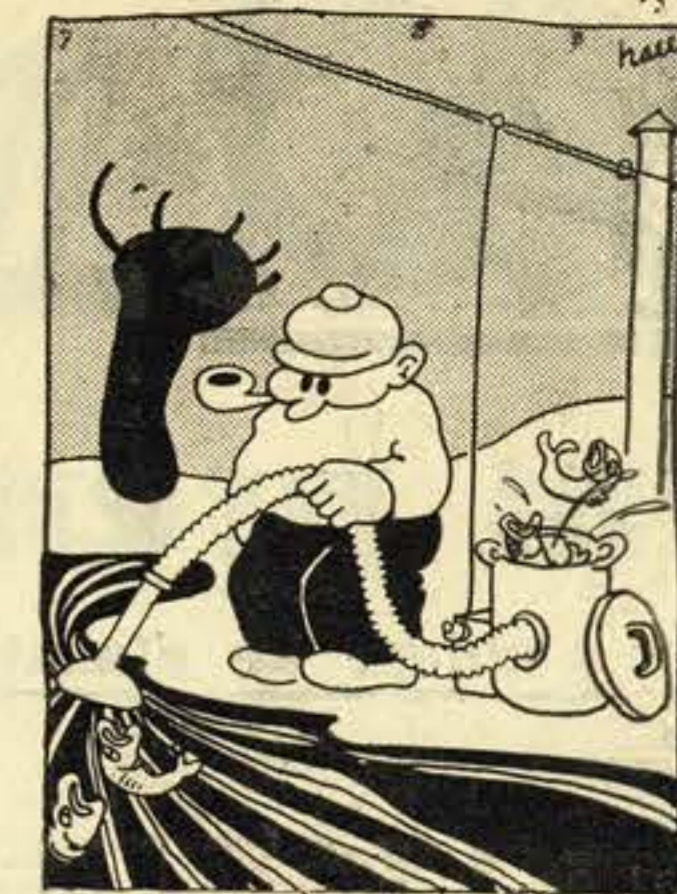
Doutor em leis integrais

O ano findo, com todo o seu cortejo ululante de reivindicações operárias e de miséria anónima, aproxima-

O ladrão metódico



—Deixa-me indicar ao cliente quanto tirei da caixa.



Novo processo de pescar com um aspirador de pó.

mou-nos mais ainda do Encoberto que aguarda, nas regiões do Nevoeiro, a hora sebastiânica!

Nascimento Neto

Regimen estilo João V

Mil novecentos trinta e um foi, na minha opinião, um ano mobilado rigorosamente.

João Silva

Papão encartado dos devedores

Deve ser melhor o mil novecentos e trinta, por me constar que, muito breve, vou a Berlim, em missão especial, afim de liquidar a divida de guerra...

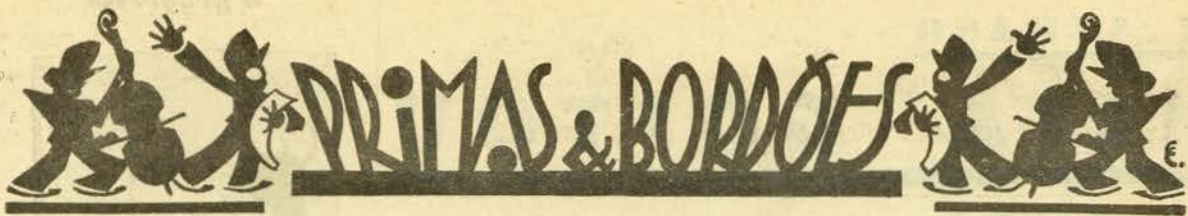
SIFILIS

Eu padeço da «Sifilis».

Com que a trato?

Com fricções mercuriais; e quem me as aplica é o José Balbino da Silva, que móra ali na Rua Formosa 216 c/5

Queiram V. Ex.^{as} prócural-o e terão o necessário lenitivo.



Um prémio de mil escudos

**A quem se classificar em primeiro lugar quatro vezes seguidas
ou seis alternadas**

Para o Mote

*O amigo Pires Fernandes
Sempre abriu o Rivoli.*

Recebemos as seguintes

GLOSAS:

Invicta burgo qu'expandes
O teu julgar com destreza
Admira com franqueza,
O amigo Pires Fernandes.
Deu-nos teatro dos grandes
Arte moderna está ali
O Robles Colaço eu vi
A porteiros donas Mecias
Todas Peraltas e Secias
Sempre abriu o Rivoli.

RAZA III

Caro amigo: não me mandes
Mais pedidos de empregadas
Que não está p'ra mais maçadas
O amigo Pires Fernandes.
Tem já pequenas e grandes
E muito senhor de si
Diz que fica por ali,
Que tem tudo contratado
E que embora arrelhado
Sempre abriu o Rivoli!

VIMAR

A comer quentes e grandes,
Na rua do Bonjardim,
Encontrei perto de mim
O amigo Pires Fernandes.
Pediu-me que não lhe mandes
Mais pedidos para ali
'Stá aborrecido de ti
E de todas as porteiros,
Mas com todas as cancelas
Sempre abriu o Rivoli.

FERNANDO EDUARDO

Não tentas. Por mais que andes,
Nunca consegues saber
O que vai ali fazer
O amigo Pires Fernandes
Dizem sêr negocios grandes
Onde o fazem ir ali,
Mas já consta por ai
Que anda muito apaixonado
E para esquecer, evitado,
Sempre abriu o Rivoli.

ANILASOR

Se há quem os tenha grandes,
Capitães em quantidade,
Um deles é de verdade,
O amigo Pires Fernandes.
Teatros, Bars e Stands,
E' o que se vê por ahi;
E tambem se diz aqui,
Que êle há ultima hora,
Com muitas notas cà fóra,
Sempre abriu o Rivoli.

ORÊTOS

Eu não quero que tu andes
Por ai a murmurar
Tu não queiras enrascar
O amigo Pires Fernandes
Eu fui ontem a Sernandes
Tu sabes o que eu lá vi
Foi um grande javali
Eu fiquei como uma brasa
Meu caro Cunha da (Raza)
Sempre abriu o Rivoli

ZÉ ROSÁRIO

Por depressa que tu andes,
Por mais que vões ligeiro
Chega ao fim sempre primeiro
O amigo Pires Fernandes...
E como o condôr, nos andes
A voar, eu sempre o vi...
A certeza adquiri
Do teatro, o seu requinte:
De facto, no dia vinte,
S. mp. e abriu o Rivoli!!...

ALFREDO CUNHA (RAZA)

Não sei para que t'expandes
Se 'stá mais do que provado!
E' Empreziario consumado,
O amigo Pires Fernandes
Por mais que tu assim andes
Em propaganda p'ra ai,
Eu já não sato d'aqui:
Ele é homem de valor,
Pois lutando, com ardor,
Sempre abriu o Rivoli.

JAVINHOS

A' vido de emprezas grandes,
Não gosta d'homens, porem,
Fez do teatro um harem,
O amigo Pires Fernandes
O'xalá que tu nunca andes
A' rásca como eu o vi!
Mas segundo o que hoje li,
Depois de varias peripecias
Com os «Peraltas e Secias»,
Sempre abriu o Rivoli

MANGERICO

Para que muito não andes
A pé cà pela cidade,
Vou dar-te esta novidade:
O amigo Pires Fernandes
Pede para que lhe mandes
Dizer se a tua titi
Póde passar por aqui,
Pois só póde saber assim
Se na rua do Bonjardim
Já abriu o Rivoli.

KIKA

Alegria Zé, já expandes,
Agora sempre foi certo,
E s'ele já está aberto
O amigo Pires Fernandes
Andou com as «sortes grandes».
Eu muitas vezes sorri
Por ouvir dizer por ai,
Abre amanhã afinal,
Mas desta vez fiquei mal,
Sempre abriu o Rivoli.

RAR.

«Porto» tua fé não abandones
Per quem assim t'enobrece,
Hoje teus louros merece
O amigo Pires Fernandes.
E' justo pois que mandes,
«Invicta» um grande chi.
Pela obra que se ergue ali.
Pois num esforço d'energia
Lutabundo noite e dia
Sempre abriu o Rivoli.

AULIREO

Ouve o resto, não derandes,
Não persistas em ser tercto,
Lembra-te que és homem do Porto:
O amigo Pires Fernandes.
Embora que não lhe mandes
Os parabens ou um «chi»,
Merece, ao menos, de ti,
Esta simples exclamação:
Hurrah! Haja ai satisfação
Sempre abriu o Rivoli

MARIO QUINTELA

Já chegou o vapor «Andes»,
Da Mala Real Ingleza
Um tipo que é concertiza
O amigo Pires Fernandes.
Ele foi às terras grandes,
Buscar a «Damita Lili»
A «estrela» que vem aqui,
P'ra mostrar o seu pername;
E o Pires que quer «arame»
Sempre abriu o Rivoli.

J. DAS CRISTAS

Qu'ê um teatro dos grandes
Já alguém m'ô afirmou,
Aquele que inaugurou
O amigo Pires Fernandes,
Tu no Porto não dezandes
Sem primeiro ires ali
E quando te fóres d'aqui
Diz que na invicta cidade
Com grande sumptuosidade
Sempre abriu o Rivoli.

CHADOAM

«Tem de macaco as glandes
Do Voronoff enxertia
Prova assim sua ousadia,
O amigo Pires Fernandes
— «Pirolito» tu não andes
A difamar gente aqui
Pois tal coisa nunca ouvi
Pódes dizer-me—«acredite-o»
Que naquele mesmo sitio
Sempre abriu o Rivoli.

TÓRROLA

Quer tu pares, quer tu andes
Agora tinha que ser,
Pois desta vez a valer
O amigo Pires Fernandes
A' frente de coisas grandes
Fica bem que eu bem o vi.
Poz o assento no «i»
No Palco a Rey Colaço
E depois dum grande abraço
Sempre abriu o Rivoli.

LACERDA

Chegou das margens dos Andes
Na companhia de um primo
Dentro de um cesto vindimo
O amigo Pires Fernandes.
Traz cartazes muito grandes
P'ra fazer charivari;
Traz peças que eu nunca vi
Com tal enredo e tal graça
Que por vaidade ou pirraça
Sempre abriu o Rivoli.

QUIM GRANDE

Desde os Carpathos aos Andes
E do Mar Branco ao Transval,
Todos sabem quanto vale
O amigo Pires Fernandes.
Seu saber enche mil stands.
Tem alma, tem frenesi,
E' persistente e assi,
Depois de ser confrateito
Com arte, saber e geito
Sempre abriu o Rivoli

ARPELA

Mote a concurso

*Amanhã domingo gorão
Vou me vestir de chéché*



Sexo fragil

Correspondencia entre namorados

O papel para missivas amorosas, de bom linho ou assetinado ou «couché», já se não usa.

Para dar expansão aos sentimentos amorosos emprega-se, atualmente, o papel higienico, em rolos de vinte metros, à laia de filme policial.

E' muito mais económico e tem a vantagem de vir perfumado, o que é muito apreciável, sobretudo na quadra carnavalesca que atravessamos.

Algumas frases

Para epistolas amorosas

As frases conhecidas, corriqueiras e gastas que se empregaram durante mui-

tos anos, estão completamente em desuso, sendo substituídas por outras.

Já se não diz: «o teu amor e uma cabana», mas sim: «o teu palacete e um automovel».

Em vez de: «quem me dera beijar as tuas tranças sedosas», diz-se: «deixa-me encher de cuspo a caspa do teu garçonne».

A frase: «vem, meu amor, quero-te pobre mas honrado», foi substituída por: «não me apareças sem massa; se não tens dinheiro, rouba-o».

Em vez de se dizer: «Minha, belldade dos meus sonhos, estavas ontem encantadora», emprega-se: «E's uma pécega d'estalo, ontem estavas porreira a valer».

Está claro que estas e outras frases só se empregam na alta sociedade, entre gente chic, elegante e de bom tom.

O povinho ignora essa linguagem classica, fina, atestada, bacana.

3.º QUADRO—PORQUÊ?

A RAINHA (No leito nupcial)

(acendendo a vela) —Porque rapaste o bigode, Senhor do meu coração? Qual a causa e o motivo duma tal transformação? Lá o monoculo, vá. Pessoas de distinção usam vidro na janela para fazer sensação... Mas... rapar ou não rapar... que dolorosa questão!...

EL-REI —Eu vim do paiz da Luz, e pesa-me, ainda, a mão, de manejar achas d'armas, e achas, até, do fogão... Foram batalhas sem conta, peleei como um leão!

A RAINHA (insistente) —Porque rapaste o bigode, senhor do meu coração?
EL-REI —Porque rapei o bigode?

(apagando a vela)

Tu já verás a razão...

CAI O PANO

Frel-Satan.

O B I G O D E

Tragédia absolutamente íntima e camararia, em um acto e em verso

FIGURAS: El-Rei—A Rainha—Um Pagem À Côte

ACTO UNICO

1.º QUADRO—O REGRESSO

(Na recâmara azul e branca, serapintada a verde e encarnado, de S. M. a Rainha da Tiniuralândia).

A Rainha (riste e pensativa) —El-rei quando voltará ao belo Alcacer-Real? Anda por tão longes terras e podem fazer-lhe mal! Ele é valente e ousado, que nunca vi outro igual... Por isso mesmo receio do seu valor triunfal... A sua bexiga sofre, há muito, de cruel mal... Deus queira que não piore, e volte a pomba ao pombal

(Entra um Pagem)

O PAGEM —Senhora: Avista-se, ao longe, em tropel piramidal, um bando de cavaleiros e um cortejo real...

A RAINHA (entradíssima) —Deve ser El-rei que chega, sem prevenir num postal... Não quer recepções pomposas, que a modestia é natural em quem ganhou mil batalhas num pelejar sem igual! Mandai formar os Besteiros! Besteficai o portal...

(O Pagem sai).

Regressa, entim o Monarca, ao seu Alcacer Real!...

2.º QUADRO É OU NÃO É

(Na sala do trono)

EL-REI (entrando) —Salvé, vassallos fieis, que me vindes recepar... Aqui deixo consignado o meu muito saudar...

A RAINHA (alucinada) —Mas, senhores, não é El-Rei! E' igual o seu falar, mas traz bigode rapado e um olho a encaixilhar... E' crime de alta traição p'lo Rei fazer-se passar!

TODOS (hesitantes) —E' El-Rei... Não é El-Rei... Quem pudera adivinhar!

EL-REI (sorrendo) —Haja paz entre os vassallos, que eu não os venho enganar... El-Rei não usa bigode na França o deixou ficar... Um heroi de Beaumarchais teve a honra de o rapar... Trago um olho envidraçado p'ra mais ninguém abusar, e dizer que vejo pouco e que não posso reinar!

A RAINHA —E' El-Rei! Sim! E' El-Rei! Eu vo-lo posso afirmar!...

TODOS (beijando-lhe a mão) —Recebei, Real Senhor, o nosso humilde saudar!...

Muchas gracias!

Há sossêgo em toda a Hespanha com fartura de castanha.

Um telegrama me diz, mas a compreender não chego, que a Hespanha vive feliz, que há ordem no país, que tudo lá é sossêgo... A' excepção duns comunistas que mais que fazer não têm, e uma duzia de esquerdistas e mais alguns direitistas o resto... tudo vai bem. São aos centos as granadas que estremecem a cidade, as igrejas saqueadas, os mortos são às carradas mas... não são de gravidade! Anda tudo á taponada do nascer ao pôr do sol, mas acabou toda a fona porque até em Barcelona já se joga o futebol. Há greves por atacado, assaltos ao capital, anda o povo amotinado, 'stá tudo paralisado, mas não é greve geral. E o Alcalá desta vèz, vendo as coisas exquisitas, e imitando um portuguez com um gesto à Marquez, expulsou os jesuitas!

Por isso eu disse e repito, Que aquilo lá 'stá bonito.

RIBEIRO JUNIOR
(Tonisca)



PORTUGAL & ALGARVES

COMEÇA O CARNAVAL

Cotillon original

Valongo, 29—Um verdadeiro delirio, o inicio do Carnaval nesta risonha vila.

Ante-ontem, no «Club Farmaceutico-Recreativo Valonguense Agite-Antes de Usar», realizou-se uma esplendorosa «soirée masquée», continuando ainda a dançar-se á hora a que tele-grafó.—C.

Entusiasmo carnavalesco

Algudares-de-Baixo, 27 — Grande entusiasmo para as proximas festas do

Entrudo. Cerca de trinta mil piões e cavaleiros de todos os tamanhos e feitios vão organizar um cortejo ao deus Momo, sendo o guarda-roupa fornecido pelo habil «costumier» «Bichinha de Rabiar» rival do indumentarista Jaime Valverde-C.

Bal de têtes

Olhão, 28—Este ano não haverá Carnaval nesta cidade, por grassar uma formidavel oftalmia em Olhão.

Parece, porem, que no «Campo Desportivo e Economico Olhanense» se realisará, no proximo domingo magro, um «bal-de-têtes».—C.

Rais parta a chuva!

Peu hêca, 27—Continua a chover torrencialmente, parecendo que não se realisa já as projectadas Foliás Carnavalescas.

O grupo «Não me conheces, ó mascara?» resolveu adiar, com receio da chuva, o seu costumado cortejo para a Semana Santa, á noite, se fizer sol.—C.

Pirolito não se empresta vende-se

CONVERSA FIADA

Os Elefantes

—Menina Aurora!
—Senhor Joaquim?
—Já foi vêr os elefantes?
—Eu não. Tenho muito medo das trombas.

—Ora! Não há ninguem que não tenha tido trombas pelo menos uma vez na vida...

—Lá isso é verdade. Mas que quer? Não está mais na minha mão. Já uma vez vi um, e apanhei tamanho susto que cheguei a casa e tive de me mudar total!

—E os tigres? E os leões?
—Esses não. Metem-me mais medo os elefantes... e não sei porquê.

—Sei eu, menina Aurora, E' por terem as trombas compridas de mais e as orelhas muito pequenas...

—Não. Lá isso não. Os comprimentos nunca me aasustaram, senhor Joaquim. E não vai o burro á feira pelas grandes orelhas!

—Então porque será?
—.....!
—Ah!
—Acha que eu tenho razão ou não?
—Acho que sim. Quem teve um marido como a menina teve e se viu livre dele, nunca mais deve querer vêr elefantes! Antes uma tourada!

FREI-SATAN



(ENIGMA)

A coisa que hoje apresento
A' vossa apreciação,
E' redonda e o comprimento
Regula... um palmo da mão.

Trago sempre uma comigo,
Que meu pae me deu por troca;
E com orgulho vos digo:
E' curtinha... mas é grossal...

Minha prima é empregada,
Num armazem de brinquedos;
Leva vida regalada,
A revolve-a entre os dedos:

A Fidalguinha d'El rio,
No collegio da Azumbuja;
Pôs-se a mecher na do tio,
Ficou-lhe a mão toda suja

A maneira de a usar,
E' vulgar em todo o mundo;
Saí suja e vem a pingar
Metendo-a muito p'ró fundo.

Tem trez silabas: dois A A,
E um C a começar;
Não precisa ser-se um «Az»,
P'ra tal coisa decifrar.

MANGERICO

Decifração do Enigma anterior:

NARIS

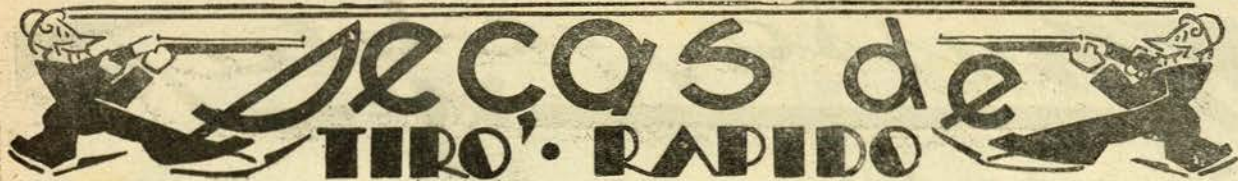
Mataram-no—Brancuras, J. das Crastas, M. Gorrão, Constante, Arpela, Quim Pequeno, Negruras, Poeta chalado, Isaeir Savatre.

FIXE BEM

na Rua de Santa Catarina, 217

é, e sempre foi a CASA TOMAZ CARDOSO com deposito de cofres, fogões, camas, colchoaria, trens de cozinha, etc.

--VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES--



A COLAREJA

Drama histórico em 3 actos e prólogo

(A Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa:
—«Mestres, é assim?...»

PERSONAGENS

A Rainha D. Urraca—A aia, D. Violante—A ama, Fredegundes—A Colareja, Joaninha—O pagem Pinguinhas—El-rei, D. Brutamontes—D. Paio do Alemtejo —D. Choura de Avintes—D. Murcela de Arouca

A acção passa-se em 1430 em qualquer parte

PROLOGO

Na ante-câmara da Rainha

Bom gôsto. Psyché, bidet... pois então cumié!... Irrigador a um canto.

SCENA I

A ama, o pagem, D. Paio

A ama:—(voz entercortada, em soluções):— Não sei como vo-lo contei! El-rei, após acesa discussão, pregou um tremendo borracho no focinho da Rainha...

O pagem (horrorizado):—Ai, credo! que brutol!

D. Paio (atónito):—E a razão, sabe-la?

A ama:—D. Urraca exprobou brandamente o mau costume que el-rei tem de comer lá por algures, censurando-o por arrotar a dente de alho e vai êle, ferra-lhe uma galleta qu'inté fez sangue...

(*Entra a rainha, pela D. A.*)

SCENA II

Os mesmos, mai-la a Rainha

D. Paio corre a beijar a mão da Rainha. Uma lágrima, celeste, ingénua e pegajosa tremeu e tornou a tremer. Depois caiu vagarosa na mão de D. Urraca.—(No bengaleiro ha binóculos para vêr a lágrima.)

A rainha (solicita):—Porque chorais, D. Paio?

D. Paio (comovido e mal pago):—Porque ha três coisas no mundo que um Português suave não pôde vêr derramadas, sem chorar:—vinho numa meza... sangue numa mulher... e a derrama das juntas de paróquia...

(*Sai E. B., cabisbaixo. Os outros ficam perplexos e o autor tambem, sem saber como se livrar desta enrascada. Salva-se porque cai o*

PANO RÁPIDO

1.º ACTO

Em casa da Colareja

A' E. A. meia porta de madeira. Nas paredes cartazes das touradas de Bada-joz, duas bandarilhas e indícios de esmagamento de percevejos.

SCENA UNICA

El-rei e a colareja

Ao subir o pano, el-rei acaba de comer bacalhau assado com alho e limpa as barbas, lambusadas de azeite puro (1 grau de acidez). A colareja, muito bebedea, olha-o inebriada. Puderá!

El-rei (imperioso, o olhar ardendo de desejo):—Agora que saciaste os desejos do meu estomago, mata esta sêde de amor que me abrasa...

A colareja (toda ternura):—Ai, filhol! que bem que falas... (*Saiem ambos D. A.*)

Uma pausa. Fora D. CHOURA imita três vezes o grasnar do urubu apaixonado, ferido de morte numa noite quente de inverno. El-rei surge com as vestes em desalinho, a espada em riste, seguido pela Colareja apavorada. El-rei vai á porta. Ouve-se.

D. Choura (mezza voce):—Lobriguei além um vulto. Suspeições há de vigiado serdes... andai azinho, meu senhor... por causa das consequências.

El-rei:—Continuai a velar meus amigos, que eu tenho fé nas velas...

(*Fecha a porta e desce. A Colareja pega-lhe na espada e tenta mete-la na baihna. Beijam-se amorosamente e como outrora em Babel, as linguas misturam-se. Está salva a moral, porque*

CAI O PANO

2.º ACTO

Na sala do trono—Vasta sala, bem decorada. Não há moveis, além do trono, com docel e estrado e a um canto uma cadeira de braços, das vulgarmente chamadas *de serviço* e que albergam na parte inferior um objecto de louça conhecido por sr. Doutor, em certos meios elegantes.

SCENA I

El-rei, D. Murcela e D. Paio

D. Murcela (respeitoso):—Por mais caminhos andais, Senhor, e o Zé já murmura por via da vossa desregrada vida...

El-rei (basófico):—Oral o povo é uma bêsta...

D. Paio:—Por isso mesmo, real Senhor, não vos admireis que vos pregue um coice...

El-rei (arrogante):—Pois quem ou-saria?

Fora, o tumulto que a meio da scena se iniciou, aumenta. Estrugem os vivas á Republica Social. O rei, assim que lhe cheira a estrugido, treme. Entra D. Choura, affito:

SCENA II

Os mesmos e D. Choura

D. Choura (enrascadissimo):—E' mister que fujais, Senhor! Vem aí o pagode amotinado. Ponde-vos a cavar, quanto antes... E vós tambem D. Paio e D. Murcela... (*Estes não esperam por outro aviso e fogem como lebres pelo buraco do ponto.*)

El-rei (com aplomb):—Sei o que me resta fazer! Ide vós á Colareja e dizei-lhe que morro a pensar nela e na Pátria... que a pós... (*D. Choura naga-se tambem*) e

CAI O PANO

3.º ACTO

Num gabinete da Adega do Olho—Vinhos, Iscas, Pipas, Canecas, Copos, Garrafas e mais pertences.

SCENA UNICA

El-rei e D. Choura

El-rei (disfarçado em bebedo profissional e incorrigivel):—Dizei, meu amigo, que novas me trazeis dela?

D. Choura (vestido de manipulador de pão de Valongo):—Saudosa do vosso amor, professor nas Harmonicas a intancias do Bispo D. Jagodes.

El-rei:—E é feliz?

D. Choura:—Deve sê lo, porque a consola o reverendo Bispo...

El-rei:—Então adeus amigo! Vou-me enganar, tomando uma poção venenosa... (*Sai rapido*)

D. Choura (batendo palmas):—Valério, mais meio americano!

CAI O PANO PINGUM

Que se há-de fazer ao saldo do Colégio dos arbitros?

Na quarta-feira passada os arbitros reuniram-se em assembleia geral para tratar de assuntos gravissimos.

Mas o problema maximo o super-problema da soirée foi saber qual o destino a dar ao saldo das arbitragens pagas. Saldo? perguntas tu amigo leitor que desconheces as maguas circunvoluções do apito.

Sim. Saldo. O grandioso saldo de fim de época com brindes aos arbitros.

O lucro de toda uma temporada de martirios e canceiras que destino há-de ter?

Irão os arbitros laurear o apito de verão para descançar das fadigas do inverno?

Irá esse formidavel saldo parar á Santa Casa da Misericórdia ou á Caixa de Previdencia das Arbitragens desvalidas?

Na assembleia de quarta-feira não ficou isso verdadeiramente resolvido e para facilitar o trabalho dos que teem por missão indicar o destino do lucro, o «Pirolito» não se poupou a esforços e foi ouvir a opinião abalizada dos desportistas, dos financeiros, de todas as altas individualidades em destaque no meio tripeiro, as quais voluntariamente deram a sua desinteressada opinião.

Algumas respostas:

A nossa casa é segura - além disso o dinheiro que os arbitros nela depositarem desenvolverá o commercio dos vinhos do Porto de que elles tanto precisam para poderem apitar com folego.

BORGES & IRMÃO.

Ponho o hospital que superiormente dirijo ás ordens dos arbitros que tenham a enlouquecer com as amabilidades da assistencia.

E' claro que o saldo deve ser integralmente entregue na Santa Casa da Misericórdia.

DR. BAIA JUNIOR
Director do Conde Ferreira

O lucro dos arbitros? O Saldo? Ah! Ah! Ah! não me posso ter com riso.

EDUARDO AZEVEDO

Se o saldo me fôr entregue, prontifico-me a mobilar em estio Luiz XV o futuro palacio dos arbitros.

NASCIMENTO NETO

Guardarei para mim o saldo e em paga cobrarei as multas dos arbitros que faltarem aos eucontos.

JOÃO SILVA

Hei-de fazer um preço em conta para o jantar de fim de época dos arbitros de foot-ball.

No meu «escondidinho» serão consumidas todas as economias da temporada.

ANTONIO JOAQUIM

Entram de borla nos campos? Teem saldo? Como estas coisas me repugnam!

EMILIO VITERBO

Muitas mais opiniões conseguimos obter. Todavia não as trazemos á luz da publicidade para não melindrar as pessoas que tiveram a amabilidade de nos responder.

Uns eram partidarios da construção dum edificio na Avenida dos Aliados em forma de apito, outros preferiam que esse dinheiro fosse aplicado em obras de caridade e quando estavamos a meditar nas varias hipoteses o espirito do Salvador Vieira pairou por sobre a nossa mesa de trabalho e numa voz melancólica e triste, como romeiro que tivesse chegado de longas terras, murmurou, quando lhe preguntamos: Que é dele o saldo? Morreu.

Um falecimento

Lemos no «Jornal de Noticias», o nosso querido fornecedor de Anuncios alegres, o funebre comunicado que abaixo transcrevemos

Canidelo Sport Club FALECEU

etc. etc. etc.
Canidelo, 20 de Janeiro, de 1932.

Coincidiu, porém, a leitura deste anuncio com a chegada duma carta exteriorizando a procedencia da Associação de Foot-ball do Porto.

Canidelo Sport Club FALECEU

A Associação de Foot-ball do Porto, seu marido e filhos, o Vilanovense Foot-ball Club e primos, cumprem o doloroso dever de participar ás multiplas pessoas das suas relações que Deus foi servido de levar á sua divina presença, o simpatico Canidelo que até á hora da morte foi assistido pelo sr. Dr. Laurindo Grijó.

Não se fazem convites devido ao estado de consternação da familia.

Um molhinho de noticias

O Janeiro traz agora na sua secção desportiva a opinião abalizada dos varios seleccionadores milicianos ácerca da possivel linha do Norte que amanhã joga contra o Sul.

Se aquilo não é para atralpar o Laurindo, ceguinho a gente seja como os ratos.

* * *

Os jornalistas desportivos vão jogar a Braga no proximo domingo. Na organização da linha tem havido varias divergencias, porque todos se julgam com estôfo de internacionais.

Os representantes do Janeiro não querem ir até Braga.

Ficam um bocadinho para cá, sob pena de serem demitidos das suas funções.

Ha alguns individuos que presumando aos jornalistas tambem querem ir no passeio.

Se o Dr. Mario Dias sabe disto, diz logo: Será verdade?

* * *

Correu com insistencia o boato de que o half-back Reis do Boavista iria para o Foot-ball Club do Porto a troco duma mobilia que o Bento lhe havia de oferecer no dia do seu consorcio.

Informações fidedignas garantem-nos que afinal tudo se passou assim, mas com a diferenca de ser precisamente ao contrario.

Foi o Reis que andou atraz do Bento para ver se ele ia para sócio do Boavista.

* * *

No proximo numero publicaremos uma desenvolvida reportagem do jogo de foot-ball Norte-Sul.





RIVOLI

Primeiras representações

Pela Companhia Rey-Colação e Robles Monteiro, as peças «Peraltas e Sécias», «Amor de perdicao», «Transpiradora» e «Pedro o Cru e Jack Estripador».

A estreia da Companhia Rey-Colação (D. Amelia) e Monteiro (Robles), coincidiu, por um acaso a que chamaremos providencial, com a inauguração do novo teatro Rivoli, original do nosso querido amigo e tio por afinidade, sr. Pires Fernandes, actualmente o Az da Aviação Teatral Portuguesa.

Escusado será dizer que, tanto a esplendida Companhia da D. Amelia, como o grupo de «girls» que desempenha as funções de fiscalisação do mesmo teatro, nos agradou sobremaneira, tendo aparecido meninos que pensaram toda a noite da «primeira» á espera que as

meninas o arrumassem convenientemente em qualquer canto.

Depois dos «Peralt e licias», subirá á scena o «Amor de Perdicao» paródia interessantissima ao «Amor de Perdição» do D. João da Camara, sendo o elenco muito vitoriado.

A «Transpiradora»,—peça de intuitos classicos e simbolicos,—agradou infinidadamente, recebendo fartos aplausos a nossa excelsa madrinha D. Palmira Bastos.

Seguiu-se no cartaz, o drama «Pedro o Cru ou Jack o Estripador»,—tragedia de maus costumes e instintos bestiais.

Um grande amplexo ao nosso querido amigo e tio por afinidade, sr. Pires Fernandes.

Sã da Bandeira

«O Az das Fitas»

Continua em pleno exito o «vaudeville» «O Az das Fitas», trez actos desopilantes e sintonicos dos nossos directores.

Na proxima terça-feira, realizar-se-ha uma Recita de Homenagem aos autores do «Az das Fitas», Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

* * *

Com a «reprise» do engraçado «vaudeville» «3 contra 1», efectua-se, na proxima segunda-feira 1 de Fevereiro, uma Recita Elegante promovida pelo nosso bom amigo José Marques, Cama, roteiro deste teatro.

Como é um rapaz fixe, desejamos-lhe uma sorte cheia de aplausos e uma casa cheia de espectadores.



Que lindo par!

Ser conquistado

Não me digas que sou conquistador...
Laboras na tolice, em erro crasso!...
Lá porque falo a alguém a cada passo.
E' porque tenho enfim algum valor!...

Quem tem educação, sendo a rigor,
Nunca deve, das falas, ser escasso...
Insinuante, assim, foz como eu f.ço.
Se quer's tu receber em troca amor!...

O lucro aqui o tens, sendo educado,
E levando á elegancia o gesto teu,
Tu hás-de sempre ser. o conquistado!...

Esta é a orientação que Deus me deu!...
Tendo as damas, de mim, sempre este
agido!...

O conquistado, pois, fico a ser eu!...

ALFREDO CUNHA (RAZA)



— O teu marido é teu amigo?
— Não. O meu amigo é o meu primo.



A O E X E R C I T O

Apresenta a grande
marca americana

SLAV

Os seus modelos de impermeáveis-agasalhos usados na Grande Guerra e autorizados pelo Ex.^{mo} Ministro da Guerra para uso

OFICIAES
e
SARGENTOS



«TRINCHEIRA»

Modelo em voga, podendo usar-se à paisana ou fardado



«CLASSICO»

Tipo inglês e em grande moda



«AZ»

Modelo em couro para a aviação



«CAMPANHA»

Modelo amplo, para a chuva e frio



«CAVALARIA»

Pode usar-se o tipo «Trincheira» ou «Classico»

Stande de vendas

153 - R. Sá da Bandeira - 157

(Em frente a Passos Manuel)

Peçam catalogos para

SLAV

39, Canceia Velha - PORTO